

O ESPAÇO E A SENSIBILIDADE DOS CIDADÃOS

Célia Ferraz de Souza

Este texto pretende abordar as mudanças de comportamento e sensações do indivíduo frente às transformações do espaço construído, destacando a importância dessa reflexão para aqueles que se envolvem tanto nos estudos da cidade como na própria intervenção urbana. O que se visa também é enfatizar que a transformação dos espaços, ao provocar alterações nas sensibilidades das pessoas ou mesmo mudanças maiores ligadas ao comportamento, não promoverá uma transformação estrutural na sociedade, como muitas vezes se pensou ou se tentou pôr em prática. No entanto, transformado ou não, o espaço da cidade poderá servir de palco para as grandes mudanças na sociedade. A história está repleta de exemplos, como podemos conferir.

Os romanos foram dos primeiros povos a transformar seus espaços públicos de forma significativa, afetando radicalmente os comportamentos de seus habitantes. As ruas das cidades do Império Romano sofreram transformações morfológicas profundas a partir da introdução do uso comercial no térreo das habitações, obrigando as edificações a abrir portas e janelas para elas, alterando o que antes fora apenas um corredor de passagem uniforme, estreito e escuro. O novo espaço alterou o próprio conceito de rua.

O mesmo ocorreu com a mudança de utilização de equipamentos que perderam a conotação original de uma cultura para outra. Foi o que ocorreu com o anfiteatro de Lucca, uma conhecida arena romana onde se realizaram grandes eventos no passado. Durante a Idade Média suas arquibancadas se transformaram em prédio de habitação coletiva e sua arena central em espaço público com a implantação de mercado, com práticas sociais muito diversas das anteriores ali realizadas (Figs. 1 e 2).

Já no séc. XVIII, morar em palácios era um sonho da burguesia emergente, mas como não era possível cada burguês ter sua própria residência de luxo, foram construídos grandes edifícios de habitações coletivas, cuja fachada simulava um palácio. Era uma forma de representação da nobreza que a burguesia passou a utilizar, com as necessárias adaptações. Viviam como o rei, sem sê-lo. Isso ocorreu com frequência, tanto na França como na Inglaterra, bastando citar a Place Vendôme em Paris ou os Crescents em Londres, para exemplificar essa realidade (Figs. 3 e 4).

Contudo, um dos exemplos mais significativos de como a transformação da cidade pode refletir na vida do indivíduo, se encontra na reforma de Paris no século XIX. A cidade medieval foi cortada em



1

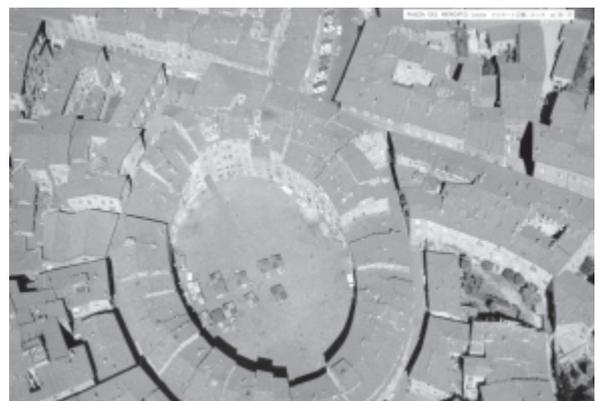
Da função inicial à mudança de usos: o pátio interno da pequena igreja barroca de Borromini se transforma hoje em platéia de teatros e concertos.

Foto da autora

2

Da função inicial à mudança de usos: anfiteatro de Lucca, que se transformou em espaço habitacional.

Arquivo da autora





3
Os "palácios" da burguesia: Place Vendôme, em Paris. A praça como espaço construído, configurada por fachadas como se fora um palácio.

HENRARD, R.; BERTRAND, Y. & BAUME, C., 1997



4
Os "palácios" da burguesia: Place Vendôme, em Paris, recentemente, de outro ângulo.

HENRARD, R.; BERTRAND, Y. & BAUME, C., 1997

5
Abertura de novos bulevares e a introdução da nova escala na cidade do século XIX: da rua de Rivoli à avenida da Ópera, a uniformidade das fachadas laterais, tendo como foco central o teatro.

Foto do autor



vários sentidos por avenidas e bulevares que mudaram seus referenciais da forma mais absoluta. Uma nova estrutura viária foi superposta à antiga. Marshall Berman¹ descreve esse processo com clareza no seu livro "Tudo que é sólido se desmancha no ar", mostrando como a partir da sua implantação, novos hábitos e novos comportamentos foram ocorrendo:

"Os novos bulevares permitiam o tráfego fluir pelo centro da cidade e mover-se em linha reta, de um extremo a outro - um empreendimento quixotesco e virtualmente inimaginável, até então. Além disso, eles eliminariam as habitações miseráveis e abririam 'espaços livres' em meio à escuridão e apertado congestionamento. Estimulariam uma tremenda expansão de negócios locais em todos os níveis e ajudariam a custear imensas demolições municipais, indenizações e novas construções. Pacificariam as massas, empregando dezenas de milhares de trabalhadores - o que às vezes chegou a um quarto de mão-de-obra disponível na cidade - em obras públicas de longo prazo, as quais por fim criariam milhares de novos empregos no setor privado. Por fim criariam longos e largos corredores através dos quais as tropas de artilharia poderiam mover-se eficazmente contra futuras barricadas e insurreições populares."

Percebe-se uma transformação com novos empregos, novos empreendimentos e, acima de tudo, com um papel pacificador, através da geração de empregos. Mais ainda, "a cidade foi franqueada pela primeira vez em sua história, à totalidade de seus habitantes".² Ricos e pobres passaram a conviver no mesmo espaço, interagindo nos bulevares. Walter Benjamin³ descreve Paris no século XIX numa visão inusitada: "à noite, com os bulevares iluminados, com suas lojas abertas, e a população nas calçadas, uma verdadeira festa para todos. Um verdadeiro novo modo de vida!" A Avenida da Ópera, com suas laterais uniformes e simétricas, se fecha numa perspectiva, que tinha por objetivo valorizar a arquitetura do teatro de Charles Garnier, exemplo destacado do neoclassicismo francês, para criar uma nova referência espacial na cidade. Um novo teatro, um novo acesso, um novo marco! (Fig. 5)

A certeza de que a organização do espaço tem relação com a vida do homem o levou, desde a Antigüidade, a procurar por meio de novos projetos de cidades a transformação da sociedade como um todo. A tentação de riscar, apagar o que existia e começar uma coisa nova, onde tudo

seria diferente, sempre foi muito grande, porque nesse “tudo diferente” se incluíam mudanças fundamentais das pessoas e de uma sociedade que se queria sadia, igualitária e solidária. Entretanto, os que assim pensaram no campo do projeto da cidade não passaram de utopistas. Na verdade, não se consegue, apenas através da alteração do espaço, mudanças sociais, ou seja, o espaço não resolve os problemas da estrutura social (ou familiar).

Todas as mudanças que ocorreram no espaço ao longo dos séculos, tanto no âmbito do urbano, como no âmbito da edificação, acabaram por se definir como mudanças de ordem local na sociedade, intervindo, portanto, diretamente no comportamento das pessoas. Da casa à cidade, a grande diferença em termos de projeto está na mudança de escala, de complexidade da estrutura social e familiar, o que não se altera em projetos arquitetônicos ou urbanísticos.

Camilo Sitte, arquiteto austríaco autor de “A Construção de Cidades Segundo Seus Princípios Artísticos”,⁴ já dizia no final do século XIX que um quarto não é um quarto por constituir-se de quatro paredes, assim como para configurar uma praça não deveria bastar cercá-la por edifícios para delimitar o seu entorno. Em ambos os casos é preciso criar um ambiente adequado, dentro da escala do usuário, onde os princípios da estética devem estar presentes para que o indivíduo se sinta bem. O que Sitte quer enfatizar com essa colocação é que, conforme as condições do espaço, os reflexos para o indivíduo poderão ser positivos ou negativos, mas isso não significa falar em mudança social ou familiar.

Um exemplo particular bastante recorrente na sociedade atual e que se vale da residência para explicar a cidade, pode ser extraído do processo pelo qual uma família passa ao construir sua casa. Trata-se de uma de suas mais fortes aspirações, sendo que ela acaba se convencendo de que, a partir da concretização deste sonho, todos os seus problemas estarão resolvidos e ela tornar-se-á completamente feliz. Um quarto para cada filho, uma sala maior, uma boa cozinha, um *home-theater*, etc., a casa será um orgulho para todos, e certamente os comportamentos de cada um e da vida familiar em conjunto sofrerão mudanças positivas. Em muitos casos entretanto, mesmo antes de terminada a obra, a família já se encontra desagregada, justamente porque seus problemas são de outra ordem. O que provavelmente se buscava não era uma casa, mas um lar, ou algo que isso representa, ou até mesmo um derivativo. Não eram problemas de espaços nem de comportamentos que se queriam solucionar, mas problemas intrínsecos da estrutura familiar, como o desejo de salvar um casamento, melhorar as condições de vida, evitar que os filhos se envolvessem em problemas sérios, ou outros ainda, mas todos fora da alçada da arquitetura. Claro está que, embora essa mudança radical da separação da família tenha sido ocasionada em última instância pela mudança física, esta não pode ser responsabilizada como causa, mas sim como conseqüência de outros problemas. A casa continua sendo apenas o elemento concreto, o abrigo da família, a configuração física do lar.

○ mesmo ocorre na escala da cidade. Não se implanta qualquer modelo sócio-econômico-político, tampouco se faz reforma social através da construção de uma cidade nova. As revoluções sociais nunca poderão ser produzidas a partir da criação de um novo espaço. No entanto, é importante que se diga que os espaços, ao influenciarem efetivamente nos comportamentos, podem até se tornar o meio para que transformações radicais venham a ocorrer no âmbito social.

Os espaços não são neutros. Eles vão interferir de forma significativa na felicidade ou infelicidade das pessoas, oferecendo facilidades ou dificuldades, como uma melhoria significativa no trânsito, nos serviços, na segurança ou desconforto na falta dos mesmos, o embelezamento dos lugares e até mesmo a valorização do cidadão. Daí a responsabilidade de quem participa da promoção de reformas e mudanças nos espaços da cidade. É preciso ter a consciência de que elas trarão reflexos na vida da população, às vezes muito profundos no seu cotidiano, gerando desdobramentos por vezes inesperados e imprevisíveis, isto é, fora do controle da ação projetual inicial.

Na análise dos Espaços Urbanos é possível destacar três categorias: a *forma*, que diz respeito à configuração morfológica, seu dimensionamento, mobiliário, paisagem; o *conteúdo* dessa forma, que são as funções e as práticas sociais, referentes às atividades desenvolvidas no espaço pela população; e por último o seu *significado* para os cidadãos, ou seja, a representação social desses espaços, tanto para manifestações políticas, religiosas, espaços da burguesia, do poder, etc. Evidentemente são categorias com graus de ingerência muito grandes, de umas sobre as outras, o que dificulta uma análise isolada e demonstra a complexidade dos processos espaciais. Essa complexidade cresce mais ainda se for levada em consideração a variável tempo. Considerando a afirmação de Milton Santos⁵ de que o espaço é uma categoria histórica, por conseguinte temos que seu conceito se modifica, uma vez que a ele se acrescentam novas variáveis ao longo do tempo. De qualquer modo, a transformação do espaço urbano, seja pela forma, atividade mais específica do arquiteto, pelas funções e as práticas sociais, ou ainda pela representação, trarão ao indivíduo mudanças de percepção, de hábitos, de comportamentos, ou mesmo de sentimentos traduzidos nas mais diversas sensações de cada época e em cada tempo.

Já na análise dos Reflexos no Indivíduo, essas transformações podem vir a causar na população sensações importantes, de bem ou mal estar. Dentre as patologias conhecidas e relacionadas ao espaço estão as sensações de agorafobia (medo de amplos espaços), de claustrofobia (horror de espaços fechados), ou acrofobia (pânico de alturas). Uma outra sensação importante que o espaço pode gerar no indivíduo é a insegurança. Um espaço com referências claras orienta o cidadão, enquanto outro com a falta delas o faz sentir-se desorientado, perdido e, portanto, inseguro e vulnerável. Na antigüidade grega algumas dessas características foram traduzidas na própria Mitologia. Basta citar o exemplo do labirinto, para

certificar-se de sua importância. O ato de se perder, de buscar saída sem encontrá-la, leva muitas vezes o indivíduo ao desespero. Isso foi explorado na lenda de Teseu e o Minotauro, onde o Rei Minos só foi vencido por Teseu porque o herói, com grande esperteza, mandou que Ariádne fosse largando um fio pelo caminho, para que ele o pudesse acompanhar e salvá-la do algoz. Levy-Strauss mostrou também como os índios bororós se sentiram fragilizados após terem sido afastados de suas aldeias pelos jesuítas em função da alteração de seus referenciais.

Nas cidades modernas é comum a perda de referência, principalmente quando elas sofrem mudanças drásticas em sua estrutura urbana. Nesse sentido, o exemplo de Porto Alegre pode ser esclarecedor, tomando como exemplo a abertura do túnel da Conceição. A rua, que antes abrigava um mercado atacadista na escala do pedestre, sofreu uma "transformação modernista", em que dois viadutos superpostos desalojaram aquelas atividades locais. Pessoas que ali trabalhavam, passaram a não mais reconhecer o lugar, negando-se a passar por ali outra vez, com medo de se perder: faltavam referências, havia uma insegurança e ilegibilidade deste local transformado.

A morfologia urbana, as tipologias arquitetônicas e as práticas sociais desenvolvidas nas ruas e nas praças, também sempre serviram como elementos de orientação e leitura. Entretanto, a desagregação da ordem, a confusão das atividades e fluxos de circulação, a falta de identidade, a insegurança social, têm tirado das ruas centrais da cidade o seu papel didático-referencial⁶ (Figs. 6 e 7).

Mudanças de outra ordem também ocorrem quando um espaço público, uma via, por exemplo, tem a função principal de transporte alterada pela própria população, passando a desempenhar uma nova atividade e fazendo deste espaço palco para alguma representação. Assim aconteceu quando foram abertos os boulevards em Paris, recobertas as pistas de macadame para melhorar a circulação e desafogar o trânsito, o que acabou por criar também uma pista macia, possibilitando que os cavalos passassem em grande velocidade pela cidade.

Algo semelhante também ocorreu com a abertura do Túnel da Conceição, parte da primeira perimetral de Porto Alegre mencionada acima, que se transformou numa pista de corridas e "rachas" de automóveis, numa competição incrível durante as madrugadas logo após sua abertura.

Os espaços da cidade, como já foi dito, refletem também uma representação, aquilo que lhe dá um significado, que está presente mas não explícito. A sua percepção é de domínio dos mais familiarizados com os lugares da cidade, seus moradores ou estudiosos, porque para tal leitura não há placas nem referências e, por isso, a geração de diferentes sensações de indivíduo para indivíduo. Entretanto, há alguns elementos comuns ao repertório coletivo de um modo mais abrangente. O espaço do poder por exemplo, que ao longo da história das cidades tem se mostrado monumental, provocando sensações de magnitude e imponência devido à grandiosidade dos espaços e dos prédios, provoca por

6

A perda de referência pela transformação do espaço: por exemplo, a rua Salgado Filho, antes, na sua abertura, e depois de configurada e cortada pelo viaduto Loureiro da Silva.

DE GRANDI, C., 2002



7

A perda de referência pela transformação do espaço: Paris do beco ao boulevard movimentado. Antes de Haussmann, ruas estreitas.

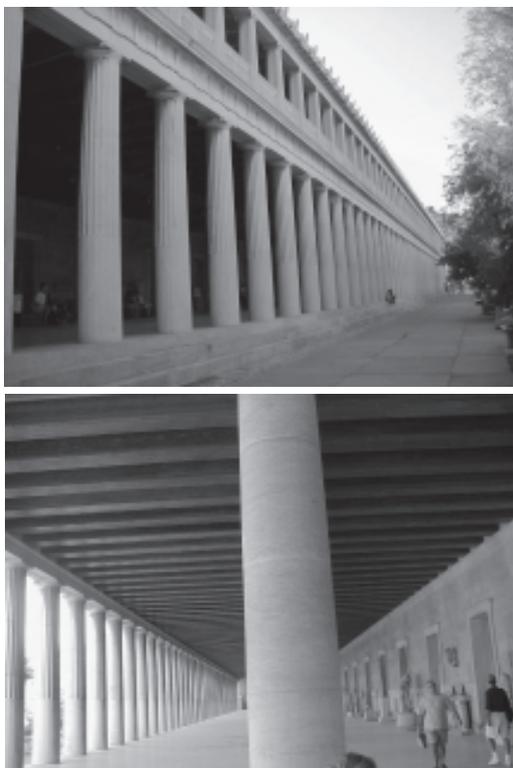
CARS, J. & PINON, P., 1991

Abaixo, foto da autora



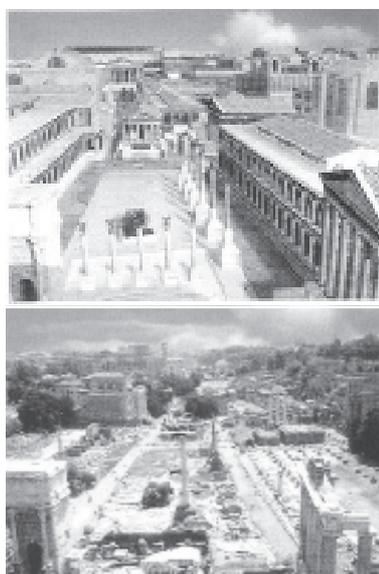
8
Os espaços de grandiosidade, os espaços do poder, sempre são referência na cidade: Stoa de Atalo, no Ágora de Atenas. Stoa eram espaços de convivência, comércio e circulação de pedestres que configuravam os espaços públicos. No ágora ficavam os equipamentos administrativos e assembleias (hoje restauradas).

Fotos da autora



9
Os espaços de grandiosidade, os espaços do poder, sempre são referência na cidade: Fórum Romano. Centro do poder do Império (antes e hoje).

Guia a la Roma Antigua, 2000



conseqüência da lei da relatividade, uma sensação de diminuição no indivíduo. Exemplos assim temos na Grécia Antiga, onde o ágora (a praça central) dominava a cidade com seus equipamentos administrativos; em Roma, no Fórum, onde se exercia o poder e todas as demais atividades coletivas; nas praças renascentistas e barrocas, onde o poder religioso muito se manifestou; e da mesma forma em relação ao poder do estado, nos espaços das cidades do século XIX e XX (Figs. 8 e 9).

Já foi dito que não só o poder público se faz representar frente ao cidadão no sentido de marcar presença. Também os poderes religiosos, econômicos e sociais criam representações que conduzem a comportamentos que vão da resignação e piedade frente a uma igreja, ao sentimento revolucionário de ativista político que faz do espaço seu local coletivo de ação. Esses sentimentos vão desde a sensação de ser moderno frente às últimas novidades da construção, ou arcaico junto aos becos sujos, resquícios de outros tempos, até às sensações de pertencimento ou de exclusão, de domínio ou ignorância, conforme o espaço da cidade que se apresenta ao indivíduo. Citando ainda Camillo Sitte⁷, ele afirmava que a Acrópole de Atenas, espaço religioso na cidade da antiga Grécia, obedecia a uma série de requisitos formais tais como proporção, visualização externa e interna, valorização da implantação dos prédios que geraram um espaço extremamente agradável, propício à reflexão, (mesmo sem o uso da perspectiva construída, ainda desconhecida), dando ao homem uma sensação extremamente segura, de respeito e equilíbrio, desempenhando absolutamente sua função (Fig. 10).

A configuração do espaço urbano, quando feita com o mesmo cuidado de quem faz uma arquitetura de interiores, onde cada detalhe parece ter sido pensado, fica extremamente adequada à escala do homem e às suas atividades. Este foi o legado deixado pelo período barroco. Ressalte-se ainda o fato de existir uma maior dificuldade de percepção ou de representação das dimensões de um espaço urbano pela população em geral, em relação a um espaço interior. As distâncias fogem do alcance do observador e a falta de um limite superior, de um teto na 3ª dimensão da construção do espaço urbano, cria uma dificuldade maior. Assim, espaços urbanos muito grandes sem correlação, sem proporções adequadas, geram sensações de desconforto e angústia. Há, entretanto, espaços de grandes dimensões que trazem consigo aqueles elementos de uso da construção de interiores, justamente para amenizar a sensação causada por suas dimensões. É o caso da Praça de São Pedro, em Roma, cuja configuração disfarça absolutamente os dez metros de desnível que apresenta, absorvidos pela disposição da escadaria, dos prédios e das colunatas fechando o espaço como se fosse um grande salão. No entanto, naquele espaço não há uma sensação de se estar numa imensidão, onde as pessoas possam se sentir perdidas. Pelo contrário, a sensação do espaço é agradável porque existe um domínio dos princípios estéticos e a escala é dominada pelo usuário. Outro exemplo é a Praça São Marcos em Veneza, cuja Basílica apresenta mosaicos dourados na fachada frontal, o que

**10**

A valorização de ambiente: Acrópole de Atenas. O Partenon visto dos propileus, a entrada da acrópole e uma vista geral mostrando-a no alto.

Foto da autora e GYMPEL, J., 1997

parece trazer um pouco de seu interior para a praça, tornando-a uma grande sala de visitas, aliás, uma sala em 'L' que, com a Piazzeta que dá acesso à cidade pelo Grande Canal, forma um conjunto de salas conjugadas (Fig. 11).

Camilo Sitte⁸ ainda acrescenta que é preciso que haja uma correlação muito forte entre a arquitetura e a estatuária ou os elementos que lhe dão a identificação. Comenta que elementos colocados no centro de uma praça não só atrapalham a visualização dos prédios, a arquitetura, como perturbam a circulação e sua própria valorização. Mostra então como a Praça da Signoria em Florença é exemplar nesse sentido. A estátua de David de Michelangelo, toda em mármore branco, encontra-se na frente da parede rústica de cantaria do Palazzo Vecchio, formando um contraste extraordinário. Para reforçar essa observação, lembra que quando a estátua foi levada para a Academia, museu onde se encontra até hoje, parecia que havia sido arrancado um pedaço do próprio prédio, como se a praça tivesse perdido sua identidade, seu valor referencial. Foi providenciada então uma cópia para ser colocada no lugar do original, para que aquele "crime" contra o espaço fosse reparado. Mais uma vez se vê a preocupação do arquiteto, tanto em questões de interiores como em questões paisagísticas, daquele que analisa o espaço com olhos nos detalhes, preocupado com as sensações de cada um. Projetar o espaço urbano com o cuidado de quem está fazendo um trabalho numa escala urbana, mas pensando em todos os pormenores da composição, que vão desde o tratamento de pisos, espelhos de água, planos com cota de níveis diferentes, escadarias, fontes com esguichos, estátuas, até o mobiliário urbano (Fig. 12).

Durante todo o período barroco e por todo o século XIX, o projeto fez uso de elementos que atuassem como princípios de valorização do espaço, valendo-se de recursos como eixos de simetria, perspectiva e ilusão de ótica. Temos aqui as praças italianas, cujo domínio de escala é

**11**

As grandes praças vistas como salas de estar: São Pedro de Roma e São Marcos, Veneza.

Roma das origens ao ano 2000, 1996 e foto da autora



extraordinário. Como exemplo, além da grande Praça de S. Pedro, já citada, cujas proporções foram novidade na época de sua implantação, a Praça do Campidoglio, de dimensões reduzidas (menores do que as praças centrais de Porto Alegre, como da Matriz ou da Alfândega). Um outro exemplo muito interessante é a Praça di Spagna, cuja escadaria lança a idéia de um cenário com os dois lances que se unem nos platôs intermediários. Essa idéia, aliás, foi aproveitada na arquitetura de interiores, para valorização do pé-direito tanto de clubes nos “acessos das debutantes”, como nos *halls* de entrada das casas burguesas do princípio do século. A percepção espacial desenvolvida no período barroco conduziu à construção de ambientes públicos que apresentam pleno domínio das qualidades que valorizam o projeto e o lugar (Fig. 13).

○ crescimento das cidades e as transformações decorrentes da modernização dos últimos dois séculos levaram as dimensões urbanas a assumirem proporções de difícil alcance, tal a magnitude das escalas, o que também passou a interferir diretamente no indivíduo no que diz respeito à percepção, compreensão e domínio do espaço.

○ movimento modernista ou racionalista, liderado por Le Corbusier e seus seguidores, afastou o individual e trabalhou com o universal. A regra era a generalidade. Seus integrantes acreditavam que, construindo para um ser humano tipo, estariam resolvendo os problemas de toda a sociedade moderna. Tanto fazia construir uma cidade em Chandigarh, na Índia, como em Brasília, ou mesmo reformular Paris, as necessidades do homem eram comuns e universais. Os aspectos culturais não eram levados em conta. A Carta de Atenas, documento paradigmático que proclama a organização da cidade segundo zoneamento de funções, foi um dos grandes responsáveis pelo processo que transformou grande parte das cidades modernas, em especial os seus centros. Nos projetos dessa corrente urbanística, a cidade era vista como uma máquina, não levando em conta a escala de relações pessoais nem os detalhes da composição, mas sim a introdução do automóvel e do avião, que mudaram o foco de visão do particular para uma visão de conjunto. A preocupação maior era com o ordenamento das funções urbanas através da geometria do traçado. ○ projeto exigia, pois, começar tudo do zero, fazer do terreno tábua rasa. Entretanto, é importante que se ressalte que foi a partir desse movimento que a arquitetura e o urbanismo começaram a serem pensados como uma questão social. Ao serem criadas, no início do século XX, as células mínimas de habitação para resolver esse problema crucial da cidade moderna, seus integrantes chegaram à transformação do *design* do mobiliário e dos objetos da nova casa. O entusiasmo que os conduzia nesse processo de transformação da sociedade, na escala das cidades, chegou próximo da utopia.

No âmbito dos fatos que afetam as sensibilidades relacionadas ao espaço urbano, a rua sempre foi uma das imagens mais fortes e mais concretas da cidade, espaço plurifuncional onde os mais variados eventos ocorreram, do comércio à circulação, do ponto de encontro ao local de

12

O monumento como reforço da identidade: Praça da Signoria - David, Florença.

Foto da autora

**13**

O espaço barroco e a valorização da estética: Piazza di Spagna mostra clara a intenção de criar nas escadarias ambiente agradável e de permanência.

Foto da autora



desfile. Ela, juntamente com a praça, sempre representou o espaço da liberdade, o espaço do cidadão, o espaço de fora, o espaço público, enfim, o espaço da coletividade, que se contrapunha ao espaço de dentro, ao espaço íntimo, ao espaço do controle familiar, das regras individuais. As regras e controle neste local referiam-se ao controle coletivo, que vinha no sentido de orientar o comportamento da população. Na rua ou na praça, o cidadão assumia e ainda assume o papel de integrante da coletividade social, onde ele reconhece e identifica tudo que está à sua volta. Mesmo nas cidades medievais, compactas e densamente construídas, as inúmeras ruas estreitas eram perfeitamente identificadas pelos habitantes, assim como seus prédios. Havia uma clareza na leitura espacial.

No mundo moderno, a expansão das cidades, a multiplicidade e diversidade de espaços, as construções mais variadas sem uma clara identidade, além da proliferação de informações, deixam o cidadão numa situação de difícil reconhecimento do seu próprio espaço de vida, não percebendo os prédios, as casas, enfim, o patrimônio urbano de uma maneira geral. Paradoxalmente, muitas vezes tal patrimônio só é percebido após a sua eliminação.

Como reconhecer o patrimônio cultural que configura as ruas? Muitas vezes são fortes elementos de representação social e formadores da identidade cultural, que pela sua presença podem e devem acionar o dispositivo da memória coletiva. Entretanto, em diversos casos, o patrimônio acaba sendo ignorado pela população, por se encontrar encoberto por placas de propaganda ou em condições precárias, não sendo valorizado pelo transeunte. Assim, os valores acabam encobertos e a memória empobrecida com suas referências perdidas (Figs. 14 a 17).

Outros fatores se agregam às dificuldades das cidades nos últimos tempos. Além do crescimento populacional, o aumento do número de veículos circulando, o trânsito congestionado, o sistema viário insuficiente, a expansão e o incremento dos problemas básicos de infra-estrutura física e social, o aumento da pobreza e da fome nos países subdesenvolvidos



14

O espaço público como espaço do cidadão, da rua medieval à grande avenida: rua de Veneza.

Foto da autora

15

O espaço público como espaço do cidadão, praça barroca: Piazza Navona.

Foto da autora



16

O espaço público como espaço do cidadão: Rua da Praia com Gal. Câmara, Porto Alegre.

PESAVENTO, S., 1996



17

O espaço público como espaço do cidadão: Praça da Alfândega, Porto Alegre, o povo esperando o bonde.

PESAVENTO, S., 1996

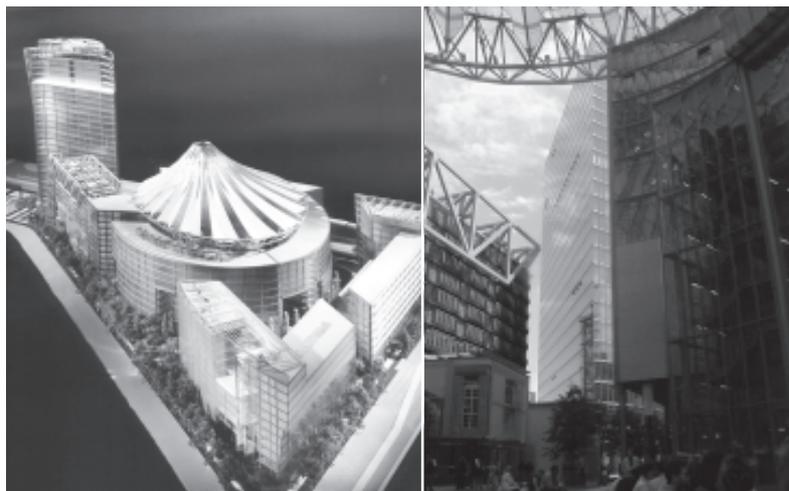


18
A representação da rua nos espaços interiores: as grandes reformas de Berlim levaram à renovação do Potsdamer Platz, uma nova praça coberta (maquete).

POWELL, K., 2000

19
Potsdamer Platz: Vista de Sony City.

Foto da autora



fizeram com que as ruas e as praças passassem a ser vistas quase que exclusivamente como um espaço de circulação e de malandragem para uns, um espaço do medo para outros. Hoje, o verdadeiro “dono” da rua é o pivete ou o marginal, pelo seu domínio de espaço e conhecimento das entranhas da cidade.⁹ Onde está o cidadão das ruas? Esta mudança de comportamento da população em relação à rua é extraordinária.

A burguesia se via valorizada desde o final do século XIX, indo aos cafés e confeitarias, escolhendo e comprando, sendo atraída para as novas lojas bem decoradas, onde as mercadorias cada vez mais atraentes eram expostas, chamando a atenção do novo consumidor. Tudo funcionava como um verdadeiro fetiche, como Marx tão bem resumiu. Diante da ânsia capitalista, a cada tempo novos estímulos são promovidos. De lojas a galerias com lojas (as Passagens de Paris tornaram-se um verdadeiro sucesso e criaram escola), aos grandes magazines, esta evolução se deu num passo. Tudo era feito para facilitar ao consumidor encontrar todos os produtos numa só loja. Os comportamentos se modificaram e mais tarde vieram os supermercados, onde cada um escolhe o que quer sem a interferência de ninguém. Por fim, surgiram os *shopping-centers* com várias

20

A representação da rua nos espaços interiores: galeria do Palais Royal, Paris, final do século XVIII.

Foto da autora



21

A representação da rua nos espaços interiores: galeria Vittorio Emanuele, Milão, século XIX.

Foto da autora



22

A representação da rua nos espaços interiores: criação de shoppings com ares de ruas, Potsdamerplatz, século XX.

Foto da autora



lojas, do vestuário ao calçado, do eletrodoméstico ao joalheiro, do restaurante ao *fast food*. Tudo se encontra sobre um mesmo teto, e a grande tônica que passou a ser o elemento de atração do lugar é o espaço construído, que cada vez mais representa o que foi o ágora para os gregos, o fórum para os romanos, ou as ruas e praças de todas as cidades desde a Idade Média. O que passou a valer não é mais a cidade que tem o *shopping*, mas a cidade criada dentro das paredes do *shopping*.

“Cada vez mais popular e sofisticado, o shopping-center chega ao ponto de criar muito mais que o imaginário social teria aspirado. Introduzindo a construção da fantasia, remete o usuário ao plano do irreal, através das alegorias utilizadas na nova ambientação de ruas e praças, que passam a representar agora os espaços urbanos em edifício.”¹⁰

Essa metáfora morfológica tornou-se a grande atração de nossas cidades, identificando-se cada dia mais com a população.¹¹ A aceitação dos *shopping centers*, verdadeiros templos do consumo, decorre da própria apresentação, com “ruas” organizadas, limpas, protegidas climaticamente e seguras, ambientes agradáveis que se traduzem na beleza, na tranqüilidade e na sensação de riqueza, tanto do ambiente, como do próprio transeunte. Tudo é feito para deslumbrar o consumidor (Figs. 18 a 22).

Todos têm acesso a esse palácio, ninguém é “discriminado”. Embora evidentemente nem todos os seus produtos sejam para todos, a presença dos mais pobres é aceita e incentivada, pelo menos nas praças de alimentação. O cidadão encontra nele o seu novo território e o respeita. Também fazem parte desse novo território outras edificações de caráter público, mais recentes, que têm trazido para si um caráter de ordem e respeito, de lugar do cidadão mesmo sem o elemento fantasia, presente nos *shoppings*, como as estações de metrô e de trens urbanos, os aeroportos e os centros de cultura, onde a circulação de transeuntes é intensa. De uma maneira geral, também esses “espaços urbanos em edifícios”, não refletem as características culturais locais das populações que para aí se dirigem, como os *shoppings*, porque também seguem as normas de projetos internacionais. Nesse sentido, novos referenciais estão sendo criados de uma forma muito semelhante em diferentes cidades de todo o mundo.

O que mais se constata, entretanto, é que o comportamento do público muda nesses novos espaços. Os comentários da imprensa dão conta de que os usuários do metrô de São Paulo nem parecem os mesmos usuários do ônibus, já que naquele os espaços são respeitados, não havendo depredação de patrimônio. Isto ocorre provavelmente porque as pessoas se sentem diferentes quando estão nas ruas ou praças da cidade ou quando estão nesses ambientes, onde se sentem valorizadas como verdadeiros cidadãos, bem orientadas, com referências claras, informações precisas e independência em relação a todos.

Assim, a relação entre o cidadão e o espaço urbano edificado é total e não pode ser ignorada. A percepção do espaço pelo homem é um

dos primeiros fatores de desenvolvimento na sua vida. Para o bebê, a identificação do seu lugar começa muito cedo, antes mesmo da identificação de outras pessoas menos presentes na sua vida, ou mesmo antes de andar. O que se quer é ressaltar como o espaço é referência, é identidade, é pertencimento, é propriedade, é sociabilidade, é política, mas também é insegurança, é exclusão, é instrumento de pavor, e isso depende do sentido que se dá a ele. Necessário se faz, pois, pensar as cidades em função das sensibilidades de seus cidadãos, fazendo-os ver e compreender o sentido e o significado dos espaços em que vivem, circulam e se adaptam, adequando seus comportamentos a eles.

NOTAS

1 BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 146

2 Idem, op. cit., p. 146

3 BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense 1994, p.47.

4 SITTE, Camillo. *A construção de cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo. [s.d.]

5 SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.70

6 SOUZA, Celia F. *O urbanismo de representação*. In: SOUZA, CF & PESAVENTO. *Imagens urbanas*, Porto Alegre, Ed. da Universidade, UFRGS, 1997.

7 SITTE, op.cit.

8 SITTE, op.cit.

9 SOUZA, M. Adélia realizou palestra promovida pela UFRGS no Seminário sobre a Fome, mar. 1994.

10 Revista *Projeto* n.170, dez/93. *Shoppings Centers* - dedicada praticamente aos projetos de *shopping centers*, mostrando os últimos exemplares brasileiros, comentando sobre sua inserção nas cidades e o caráter desses projetos.

11 SOUZA, op. cit.

Célia Ferraz de Souza

Arquiteta, professora da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, Departamento de Urbanismo, Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR e doutoranda em Planejamento, FAU USP. Autora do livro "Porto Alegre e sua Evolução", Editora da UFRGS-1997.